



Discurso de Abertura das Celebrações do 50º Aniversário da UCP  
13 de outubro de 2017

### **Da Universidade como Compromisso**

Num excerto da exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho ao Mundo Atual, *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco saúda o labor das universidades católicas, como instituições fiáveis que, através da investigação e do ensino, laboram “na solução de problemas que afectam a paz, a concórdia, o meio ambiente, a defesa da vida, os direitos humanos e civis”. À universidade como instituição comprometida com a produção de um conhecimento orientado para a vida digna, exige-se, que enquanto católica o faça orientada pelos valores humanistas que a Igreja persegue, como escreve o Papa, “por fidelidade às mesmas convicções sobre a dignidade da pessoa humana e do bem comum.”

A 13 de outubro de 1967, a assinatura do decreto *Lusitanorum nobilissima gens*, erigia a primeira universidade católica em Portugal, que viria a integrar o projeto de ensino superior católico que, desde 1947, a Companhia de Jesus vinha a desenvolver, na Faculdade de Filosofia, em Braga, a mais antiga das Faculdades da Universidade Católica Portuguesa. Hoje, a 13 de outubro de 2017 celebramos em Braga a determinação inabalável do fundador, o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Como afirmou na inauguração oficial da sede da Universidade, a 29 de novembro de 1968, em Lisboa, a Universidade Católica resultou simultaneamente do sonho e da necessidade. 50 anos passados, a incompletude programática do sonho continua a aliar-se a um sentido muito claro de necessidade – para o país, para a Igreja, para o sistema de produção de conhecimento -, num entendimento de que a Universidade é um projeto arriscado e nunca completo, mas também compromisso perene da Igreja com a capacitação do país.

50 anos passados sobre a sua fundação, a UCP, a quarta universidade criada no país, tem cerca de 13.000 alunos e atrai anualmente cerca de 4% dos estudantes das 107 instituições do Ensino Superior português. Tem liderado sistematicamente os rankings internacionais nas áreas de Gestão e Economia, destaca-se como instituição ágil ao colocar a sua Global School of Law, pelo 7º ano consecutivo entre as 10 escolas mais inovadoras da Europa, afirma-se na criação de formações de cruzamento entre as suas áreas de ancoragem em Humanidades, a Gestão e as Ciências Sociais, como é o caso de Gestão das Artes e da Cultura, avaliado entre os 3 melhores Mestrados do mundo nesta área, orgulha-se por ver o prestígio internacional dos seus institutos reconhecido por exclusivos grémios de especialidade, como é o caso do IEP integrado no Europaeum liderado pela Universidade de Oxford, e ousa continuar a inovar, enveredando por novas áreas – como a preparação do Curso de Medicina – ou solidificando e alargando a intervenção da sua área nodal, a Teologia e as Ciências da Religião. Num momento de profundo interesse, mas também de abissal desconhecimento da *vox populi* face ao fenómeno religioso, a Faculdade de Teologia, juntamente com a Faculdade de Ciências Humanas criou o Instituto de Estudos de Religião que assume claramente uma vocação de transversalidade na problematização da forma como o religioso intervém, estrutura, dialoga com práticas sociais, culturais, políticas contemporâneas. Assumindo a presença no diálogo social através da formação pós-graduada que se articula com a investigação, realizada através de dois Centros: o Centro de História Religiosa e o CITER – Centro de investigação em Teologia e Estudos de Religião, o IER abre a investigação teológica ao diálogo com outros saberes e afirma a disponibilidade da Faculdade de Teologia para nacionalmente se afirmar como axial para a investigação interdisciplinar, e internacional, dos complexos problemas do nosso tempo.

A Universidade Católica Portuguesa constituiu-se também como modelo singular, num espírito federativo, desenvolvendo-se, a partir da sede, numa lógica de regionalização administrativa. O nosso primeiro Reitor, Padre Bacelar de Oliveira, escrevia em 1977, que esta estrutura federativa conjugava “não em amálgama, mas em síntese de estruturas” os regimentos sectoriais com a lógica da corporação universitária (41). Ora, síntese de estruturas não

significa, nunca significou, homogeneidade. Significa, pelo contrário, cultivar o crescimento de projetos transformadores nos contextos geográficos onde estes tiverem maior possibilidade de se desenvolver. Antes das políticas de *smart development*, a UCP testou um desenvolvimento inteligente, ancorado às realidades da região, sem perder de horizonte uma organização e uma estratégia nacionais. Assim, crescemos numa ecologia nacional de saberes, de Filosofia a Gestão, Línguas e Literaturas a Biotecnologia, Psicologia a Restauro e Tecnologias Digitais, de Turismo a Direito, C. Política a Medicina Dentária.

50 anos passados, com um sistema de ensino superior português fortemente estatizado, que cobre 80,4% dos estudantes matriculados no sistema – face a 53,4% em 2000 – será útil perguntar: Qual a utilidade e o contributo do Ensino Superior católico para a formação universitária no país, na Europa no mundo? A pergunta não deixa de ser retórica, mas em ano de celebração urge pensar na diferença específica da UCP, sobretudo num tempo em que os processos de afirmação estratégica estão padronizados, quando o próprio sistema de avaliação institucional se baseia nos *benchmarking* de modelos testados. O estudo feito pelo americano Benjamin Ginsberg em 2011, *The Fall of the Faculty*, assinala que os programas estratégicos das universidades em vez de assinalarem as suas forças específicas e caminhos claramente distintos, são na maioria das vezes idênticos. Uma orientação seguidista olha para um futuro marcado por três palavras de ordem: crescer (em receitas e número de alunos); internacionalizar; inovar (reforçando a 3ª missão da universidade, na sua ligação com o mercado). Já em 2003, o Terceiro Relatório da UE sobre Indicadores de Ciência e Tecnologia, indicava que a visão europeia para o ensino superior no século XXI, seria ‘downsizing and specializing’. Ou seja, reduzir o número de instituições propiciando fusões e extinções e a especialização do sistema em distribuição geográfica específica. Em Portugal, a mensagem acerca da necessidade de aumento de escala refletiu ao longo da última década uma visão concentracionária do Ensino Superior, na transferência de uma lógica *corporate* para as universidades. Seria assim necessário juntar, crescer, aumentar a produção – independentemente de onde e como -, recrutar mais estudantes, atrair aqueles 37% de estudantes que terminam o Ensino Secundário e não são candidatos

às universidades e politécnicos, tornar o sistema mais flexível e próximo da profissionalização. Medidas generalistas e modelos homogéneos não acautelam, contudo, a necessária diversidade do sistema, sem a qual qualquer modelo de produção de conhecimento está condenado ao fracasso. Desde logo na distinção no interior do sistema entre ensino universitário e politécnico, mas também na necessária diversidade geográfica e nos distintos potenciais de articulação da missão da universidade com o tecido empresarial da região. E pior do que tudo, a qualidade transforma-se numa narrativa liderada pelo 'Edspeak', onde os processos – essenciais, é certo ao funcionamento eficiente da instituição – deixam de ser um meio e se tornam um fim em si.

A Universidade Católica insere-se na missão da Igreja e do seu compromisso com o desenvolvimento de uma cultura humanista cristã e de progresso humano. Mas a Universidade Católica sendo uma instituição que pugna por uma efficientíssima gestão de recursos, usa processos não os reifica. Não pugnamos por um crescimento desmesurado, queremos formar com a melhor qualidade os nossos estudantes para nos situarmos com ambição, não entre as maiores, mas as melhores universidades católicas do mundo. Temo-lo vindo a fazer há 50 anos, com a formação e um capital humano que verdadeiramente contribuiu para a transformação do Portugal moderno. O estudo de impacto que se está a realizar, demonstra claramente que se a quota de mercado de educação da UCP é 4%, o valor económico, social, cultural gerado pelos *alumni* é muitíssimo superior, sendo verdadeiramente estruturante da vida portuguesa das últimas décadas.

50 anos passados, a Universidade Católica não será uma universidade como as outras. Sem descurar as enormes transformações tecnológicas e societais em torno de nós, olha a educação superior como estratégia de formação e não simplesmente de profissionalização. Queremos formar mulheres e homens competentes para moldar o futuro do trabalho, não simples técnicos treinados em formações, a breve trecho obsoletas. Estaremos nas áreas onde somos, e apostamos ser, líderes: Teologia e Humanidades, Economia e Gestão, Direito, C. Comunicação, Biotecnologia, Psicologia, C. Política, C. Da Saúde, em particular Medicina. Mas fazemos escolhas, estaremos em áreas de conhecimento definidoras da dignidade humana, estabelecendo pontes entre o passado e o futuro, trabalhando como diz S.

João Paulo II, na Exortação Apostólica *Ex-Corde Ecclesiae* “mediante a investigação e o ensino [para] ajudar a Igreja a encontrar de maneira adequada aos tempos modernos os tesouros novos e antigos da cultura.”

Faremos pontes, conscientes de um modelo de conhecimento cada vez mais produzido em rede, colaborando com as outras universidades do CRUP, e com as nossas mais de 480 parceiras internacionais, em modelos de mútuo interesse, sempre que estas interações potenciem a afirmação da posição específica da Católica, enquanto universidade livre, autónoma, não estatal. E neste sentido, lutando contra a lógica de uma harmonização de modelos pedagógicos, de criação de cursos e de promoção do corpo docente, que menoriza e limita as próprias possibilidades de desenvolvimento do sistema de ensino superior português.

E continuaremos a inovar no modelo de formação, tal como o fizemos na pioneira abertura do 1º curso de Administração e Gestão de Empresas, no longínquo ano de 1977, na criação da primeira Escola de Biotecnologia, no primeiro curso de articulação entre Humanidades e Gestão, o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas (em 1991), logo depois emulado por diversas universidades, e mais recentemente com a criação no CRP da primeira dupla licenciatura, em Direito e Gestão.

Esta política de articulação, que reflete um projeto de relação interdisciplinar e de inovação que se tem vindo a aperfeiçoar, não é apenas instrumental, mas também axiológica, epistemológica e cultural. Se o paradigma da ciência moderna que orientou o desenvolvimento das universidades nos últimos dois séculos sedimentou o progresso da ciência por especialização, a realidade complexa da nossa sociedade do conhecimento exige um pensamento distinto. A universidade tem de considerar a empregabilidade, sem se limitar ao paradigma tecnocrático, mas tem sobretudo de formar par um mundo onde a própria noção de trabalho se transformará. Mais do que o fazer, privilegiar-se-á o refletir e o compreender. Neste mundo de crise do *homo faber* exige-se uma formação renovada.

Num artigo publicado no *New York Times*, em 2015, Clayton Christensen, o ideólogo da inovação disruptiva na Harvard Business School, instava as universidades, em especial Harvard, a mudar tudo (‘Change everything!’) face ao impacto da transformação digital, as novas formas de

sociabilidade e aprendizagem em ambiente virtual e sobretudo as transformações do mercado de trabalho. Os modelos que se prefiguram são dois: um modelo da universidade instrumental em que a própria noção de ciclo de estudos organizado é substituído por acumulação de créditos ao longo da vida, em formatos online, estruturados consoante as necessidades profissionais dos estudantes. Esta é a proposta considerada no Relatório da Deloitte de 2014, sobre o estado da educação superior, elaborado por Tiffany Fischmann e Linsey Sledge, respondendo ao diagnóstico de que os estudantes universitários em geral estão ‘dolorosamente mal-preparados’ para aceder ao mercado de trabalho. Neste modelo, a universidade do futuro reduzir-se-á à formação profissional à medida.

Um outro modelo, que resulta do mesmo diagnóstico de crise, sobretudo na consciência de que provavelmente todas as funções profissionais que podem ser descritas, poderão ser automatizadas, é aquele que olha a universidade como estúdio. O termo latino *studium* designa tanto uma prática de reflexão, como um espaço, ao mesmo tempo que articula o pensamento estruturado com a liberdade caótica das práticas criativas. Todavia, mesmo nesta dimensão mais criativa, o estúdio conota uma ideia de trabalho e de experimentação. No estúdio pensa-se, testa-se, experimenta-se, apaga-se, começa-se de novo, até à realização final da obra, uma metáfora que reflete de modo feliz o labor das universidades. No modelo da universidade estúdio aposta-se na interseção disciplinar, na formação fora de campo para todas as áreas, ciências em humanidades e créditos de humanidades em ciências, ajudando os estudantes a compreender o que é complexo, a articular, só assim educando quadros qualificados capazes de moldar o futuro, desenvolver novos empregos, além dos limites do provisório.

Iniciamos hoje a celebração do nosso 50º aniversário, recordando os fundadores em Braga, estabelecendo a ponte com a memória do passado que nos orientará no futuro. As iniciativas que ao longo de um ano a universidade irá desenvolver são inspiradas por um modelo de universidade portuguesa, católica, com ambição global, mas com um perfil claro de orientação diferenciada, que vai continuar a inovar. As Conferências Futuros Globais, a iniciar com a palestra de D. Manuel Clemente no próximo dia 17 de outubro, lançam o mote de uma reflexão alargada a grandes pensadores do campo da

economia, cultura, ciência e política sobre a orientação futura da ciência e do pensamento, ao mesmo tempo que outras iniciativas focarão a terceira missão da universidade e, também, a relação com os *alumni*. Celebrar 50 anos significa igualmente preparar o futuro, sendo lançada uma Grande Campanha para desenvolvimento infraestrutural em Lisboa (Campus XXI) e no Porto. Sobretudo, este será um momento de agradecimento profundo, veiculado em particular a Sua Santidade o Papa Francisco que recebe a Universidade Católica, em audiência privada no dia 26 de outubro. Neste movimento da comunidade, alunos, docentes e investigadores e colaboradores, responderemos ao repto de Sua Santidade de construção de uma sociedade e de uma universidade inclusivas, com o lançamento do Fundo Papa Francisco que apoiará a formação na UCP a estudantes carenciados, refugiados e migrantes.

Nos próximos 50 anos, faço votos de que esta universidade, que foi sonho e será sempre projeto, continue a moldar a vanguarda do conhecimento, como referia D. António Francisco dos Santos, Bispo do Porto, obrigando-nos a sair do conforto do nosso campo para cultivar novos campos da ciência, continuando o compromisso de formar a sociedade e intervir no mundo.

Isabel Capelo Gil  
Reitora